

# Racismo e educação

Margarida Rauen e Josmar Verillo

O racismo no Brasil não existe, na visão de muitos brasileiros. O tema é tabu até mesmo entre as vítimas de discriminação racial. A idéia é que quanto menos se falar sobre o assunto, melhor. Como se não abordar o tema resolvesse o problema.

Por outro lado, observa-se com freqüência perturbadora autodenominados não-racistas proferindo piadas e/ou fazendo comentários de cunho racial, o que ajuda a perpetuar preconceitos introduzidos desde os primórdios da colonização. Existe até uma tendência em explicar o caos econômico e social prevalecente hoje no país em termos étnicos. O racismo, de tal forma inculcado nas pessoas, impede até mesmo o discernimento sobre o que seja um ato discriminatório. Em algumas comunidades, atos de racismo são vistos até com um certo respeito pelas pessoas mais simples, pois eles são perpetrados por elementos que exercem posição de liderança local. Talvez tenha sido isso que levou o Dr. Barnard a afirmar que no Brasil o racismo é ainda um mal não diagnosticado.

Nos países ocidentais industrializados, o racismo também tem componentes históricos e econômicos. Mas as lideranças políticas desses países concentram algum esforço no combate a esse tipo de mal, visando preservar a integridade política e econômica de seus países. Eles já contam com mecanismos institucionais que punem com rigidez qualquer ato discriminatório. Existe um alto preço a pagar por atitudes discriminatórias. No Brasil a postura racista não é repudiada.

Em qualquer lugar do mundo o fator principal da existência do racismo é a ignorância. A ciência revela apenas que as características da cor de pele, índice cefálico, textura e cor do cabelo, forma e cor dos olhos, forma do nariz e estatura, normalmente usadas para a classificação racial, não são indicadores fidedignos e, muito menos, qualitativos. Isso porque os dois pigmentos que determinam a cor da pele são idênticos em todas as raças, e as outras características físicas, além de variarem de indivíduo, são produzidas por genes presentes em qualquer ser humano. A configuração física é, então, essencialmente quantitativa.

Por sua vez, diferenças sensoriais, comportamentais e de inteligência, tão explorados em piadas estúpidas, se relacionam com variáveis como hábitos, padrões culturais e geográficos, experiência social, ou seja, influências ambientais. Ainda vale ressaltar aqui o papel das disparidades socioeconômicas, interagentes com as influências ambientais: em todas as raças há pessoas menos ou mais privilegiadas, menos ou mais brilhantes intelectualmente, etc...

O racismo, um dos preconceitos mais perversos em relações humanas, revela uma atitude impulsiva, parcial e ignorante. Pode-se superar essa ignorância buscando-se educação, o conhecimento sobre outras raças, o contato multicultural e a realização pessoal. Isso porque o preconceito em geral é adquirido de pessoas preconceituosas (inclusive nossos pais e professores), ou motivado por frustração, medo, culpa, ansiedade e necessidade de auto-afirmação.

**MARGARIDA RAUEN** é doutora em Literatura Inglesa e **JOSMAR VERILLO** é doutor em Economia de Recursos Naturais, ambos pela Michigan State University.



*Apartheid, trabalho do adolescente Daniel Duschenes para o recente "workshop" do designer gráfico Rico Lins, ocorrido na USP*

**O racismo está ainda assentado em profunda arrogância porque ele envolve um julgamento que nenhum ser humano está habilitado a fazer: julgar-se superior. Um ato que implica colocar-se acima do humano, autodenominar-se super-homem**

O racismo está ainda assentado em profunda arrogância porque ele envolve um julgamento que nenhum ser humano está habilitado a fazer: julgar-se superior. Um ato que implica colocar-se acima do humano, ou seja, se autodenominar super-homem.

É difícil atribuir responsabilidade pela ignorância. Se as pessoas não são submetidas ao exame dos fatos por um ângulo adequado, elas não vão dar aquele salto qualitativo que caracteriza o enxergar pela primeira vez uma "realidade" diferente daquela que elas estão habituadas. A alegoria da caverna de Platão mostra de forma contundente a anatomia desse salto qualitativo, e o papel das lideranças em provocá-lo. O combate ao racismo apresenta um dilema semelhante ao do cidadão que saiu da caverna e viu um mundo totalmente diferente. Como explicar essa realidade aos seus companheiros que viram durante toda a vida apenas a realidade da caverna? Não é preciso aceitar o conceito de "verdade"

platônico para que a analogia seja válida. Um salto qualitativo ocorre com o simples fato de a pessoa enxergar os fatos por um outro prisma.

A alternativa mais viável de combate ao racismo é tornar os fatos acessíveis àqueles que ainda não enxergaram a realidade de outra perspectiva. É preciso fazer com que as pessoas abandonem a atitude preconceituosa em que o racismo é baseado. Liderança é essencial no desvendar de novas realidades. Os brasileiros que estiverem em condições de provocar esses pequenos saltos devem encará-los como uma tarefa de elevação social. O que o Brasil mais precisa é educação. Muitos outros problemas se resolvem por si próprios se conseguirmos elevar o nível de educação de nossas massas.

O governo precisa deixar de intervir em todos os aspectos da vida dos cidadãos, tornando a vida dos mesmos cada dia mais difícil, e concentrar esforços naquelas áreas em que o poder público pode contribuir com alguma coisa. A educação é uma dessas áreas. O país precisa promover avanços rápidos não só na legislação, mas na educação de suas massas para evitar que a discriminação decorrente das diversas formas de racismo provoque polarização e o inevitável recurso à violência, como já se observou em outros lugares do planeta.